

## Portugal e Península Ibérica em dois romances de José Saramago

Susana Ramos Ventura (Universidade Federal de São Paulo/Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo)

A década de 1980 foi marcada, dentro da produção literária em romance de José Saramago, pela proposta de revisitação da História de Portugal, colocando em estreita relação os domínios da História com os da Literatura, dentro de uma visão crítica que marcou a obra e a atuação social do escritor ao longo de toda a sua produção. No ano de 1980, *Levantado do chão* nos colocou diante de uma saga de séculos de opressão, perpetrada pelos donos de terras do Alentejo contra os trabalhadores rurais, que veriam a possibilidade de melhores condições de vida somente bem avançado o século XX. Obra em que se consolidou o estilo pelo qual Saramago ficaria conhecido, o romance ficou para os estudiosos como um marco. Em 1982, chega à publicação *Memorial do convento* livro que, por mais de vinte anos, seria o mais conhecido da vasta obra do autor, até o lançamento da adaptação cinematográfica de *Ensaio sobre a cegueira* (1995) por Fernando Meirelles em 2008. Nele o autor escolheu focar um específico período da História portuguesa, o reinado de D. João V, que se estendeu de 1707 a 1750. Também de um período bem delimitado, o ano de 1936 vivido em Portugal, tratará o romance *O ano da morte de Ricardo Reis*, publicado em 1984. *A jangada de pedra*, título que vem a seguir, amplia geograficamente o foco, que (re)toma a Península Ibérica como cenário e símbolo, num tempo histórico que podemos qualificar de contemporâneo mas apontando para um futuro que é, desde a epígrafe que comentaremos mais adiante, fabuloso. A década se encerra com *História do cerco de Lisboa*, de 1989 em que geograficamente o autor retorna novamente a território português, especificamente à cidade de Lisboa (cenário praticamente exclusivo tanto deste romance quanto de *Manual de pintura e caligrafia* e *O ano da morte de Ricardo Reis*) em dois momentos históricos que se complementam, o ano de 1147, quando ocorre o cerco de Lisboa mencionado no título do romance, e a década de 1980, “presente” da efabulação em que se revisita, de diversas maneiras, a História do século XII português.

Realizando, então, um brevíssimo balanço da década de produção do autor segundo o prisma das relações entre História e Literatura, vemos que estas relações foram privilegiadas em cada um dos romances mencionados. A presente comunicação se propõe a mostrar em dois romances publicados consecutivamente por José Saramago no período apontado – *A jangada de Pedra* e *História do cerco de Lisboa* - como estão tratadas as questões relativas ao contexto ibérico e à nação.

### *A jangada de pedra*

O romance está precedido por uma epígrafe retirada da obra do escritor cubano Alejo Carpentier, especificamente do romance *El reino de este mundo*. Antes de examinarmos o teor da epígrafe, a escolha por Alejo Carpentier coloca de pronto o leitor na senda do realismo mágico latino-americano, de que este autor cubano foi dos primeiros a conceituar e aproxima o livro saramaguiano da literatura produzida na América Latina. Vejamos o conteúdo da epígrafe: “*Todo futuro es fabuloso*”,

parece indicar que a obra falará sobre o futuro e que este, como qualquer outro é “fabuloso”, vocábulo que indica que tanto é passível de ser contado, portanto “efabulado”, como de ser “extraordinário”.

Passando à fábula propriamente dita, cabe uma brevíssima paráfrase. Cinco são suas principais personagens: Joana Carda, Joaquim Sassa e José Anaíço (portugueses) , Pedro Orce e Maria Guavaira (espanhóis). Cada uma das personagens será protagonista de alguma ação ou alvo de alguma conduta que parece ter natureza sobrenatural: Joana risca o chão de terra de uma região rural com uma vara e o traço não desaparece; Joaquim Sassa lança uma pesada pedra ao mar e ela descreve trajetória surpreendente; José Anaíço passa a ser seguido por um bando de pássaros para onde quer que vá; Pedro Orce sente a terra tremer subitamente, embora os sismógrafos não digam o mesmo que seu corpo e, por fim, Maria Guavaira começa por desfazer um pé de meia e à medida em que realiza a tarefa, o pé de meia para de diminuir mas não a lã, que passa a encher todo um cômodo de sua casa. As cinco circunstâncias inusitadas coincidem com o momento em que aparece uma fenda no solo, junto aos pirineus, exatamente no ponto de divisa entre Espanha e França, fenda esta que posteriormente se radicaliza, encontra-se com uma segunda fenda, ambas se estendem e causam a separação entre a Península Ibérica e o restante do continente europeu. As personagens mencionadas acabam se encontrando por iniciativa primeira de Joaquim Sassa que, tendo ouvido falar de Pedro Orce no noticiário televisivo, parte em busca dele, pensando que o inusitado que os ocorria a ambos poderia ter relação com a separação entre Europa e Península Ibérica.

Há que se notar, de pronto, a particularidade de o elenco de personagens centrais ter sido escolhido entre portugueses e espanhóis, de maneira a serem três os portugueses e dois os espanhóis, sendo os últimos um representante da Andaluzia e outro da Galícia, regiões significativas em termos mitológico-literário-linguísticos para a cultura portuguesa. Para completar o elenco de personagens, uma sexta é acrescentada: um cão, que, no momento em que a primeira fenda se torna maior, salta de território francês para território espanhol. Também este cão carrega consigo traços do sobrenatural. Segundo a narrativa, quando Joana Carda, em algum ponto do território português, risca o chão com a varinha de negrilho, todos os cães da localidade francesa de Cerbère começam a ladrar ao mesmo tempo. O narrador busca no nome da localidade francesa as ligações com a mitologia grega, em Cérbero, o cão de três cabeças que guarda a entrada do inferno, e informa aos leitores que há em Cerbère “arreigada superstição, ou convicção firme” (SARAMAGO, 2006, p.7), de que “naquele mesmo lugar, comuna de Cerbère, departamento dos Pirenéus Orientais, ladrara, nas gregas e mitológicas eras, um cão de três cabeças que ao dito nome de Cerbère respondia, se o chamava o barqueiro Caronte, seu tratador” (SARAMAGO, 2006, p.7) e que, historicamente, os cães da cidade sempre tinham sido mudos. Aquele específico cão, de nome Ardent (ardente, em português, escolha onomástica que refira, talvez às regiões infernais, dominadas pelo fogo no imaginário ocidental), guiará o grupo formado por quatro das personagens em busca da última delas, a galega Maria Guavaira.

A menção ao animal que se incorpora e guia o grupo ao encontro da última personagem não é vã nesta narrativa em que cães, cavalos e burros terão papel de destaque, como se verá mais adiante.

O realismo mágico anunciado na epígrafe começa a se evidenciar pelos atos ou circunstâncias extraordinários a que cada uma das personagens centrais está sujeita e pelas relações entre o vagar do grupo constituído e o movimento em si da Península. Cabe dizer que, embora a epígrafe faça referência ao futuro, os acontecimentos narrados se dão aparentemente na contemporaneidade - não há marcas temporais do momento em que se iniciam os insólitos acontecimentos e o cotidiano apreensível (meios de comunicação, marcas de carro, evidências do modo de viver) pode ser atribuído a qualquer ponto da década de 1980, que viu o livro ser publicado. A referência ao automóvel, um veículo Citroën conhecido como 2CV ou dois cavalos, modelo da marca produzido entre 1948 e 1990 na Europa e considerado um carro popular é das poucas marcas precisas a indicar os anos possíveis em que o “futuro fabuloso” se dará: a década de 1980. Em que pese a enunciação de que a separação e deslocamento da Península Ibérica se dá num futuro fabuloso, a efabulação impulsiona as personagens para situações em que o passado da Península é visitado: por exemplo, o grupo começa motorizado, num automóvel dois cavalos e, quando este para de funcionar e é substituído por uma galera - tipo de carroça - puxada a princípio por um cavalo e à qual agrega-se posteriormente um segundo cavalo, sendo que o grupo passa a designar o conjunto formado por animais e galera “Dois cavalos”.

Podemos apontar outra curiosa volta ao passado na seguinte situação: os empregos de professor, boticário e funcionário de escritório das personagens centrais masculinas são deixados em função de uma vida deambulante do grupo no comércio de roupas (“fancaria” e “bufarinaria”, segundo o texto), sendo que os mercadores itinerantes lembram ao leitor uma Península Ibérica de temporalidade feudal.

Em *A jangada de pedra*, desde a escolha do tema ao grupo de personagens protagonistas, Portugal e Espanha aparecem unidos – reintegrados como num passado antes do estabelecimento dos estados nacionais e voltados para si mesmos. O grupo formado por portugueses e espanhóis se une e caminha comunitariamente. A partir da reunião dos cinco humanos com o cão, eles vão da Galícia (onde encontraram Maria Guavaira, o quinto elemento do grupo humano) aos Pireneus juntos – percorrendo a Península Ibérica no sentido longitudinal. E é exatamente quando chegam juntos ao agora extremo leste da “jangada de pedra” em que a Península se transformou que ela se detém. A agora “jangada de pedra” está próxima das antigas possessões coloniais – na África e América Central e do Sul – e termina por fixar-se de maneira praticamente equidistante entre Europa, América e África, após girar em movimento de rotação sobre si mesma por um mês, emulando, em nossa leitura, os ciclos internos que se desenvolvem na narrativa.

Gostaríamos de abordar agora, como como aparecem tratados nesta narrativa a nação e o contexto ibérico no futuro imaginado e fabuloso descrito pelo narrador? Poucas vezes em *A jangada de pedra* aparece a palavra “nação”. As mais significativas referirão à “nação norte-americana” e as

menções se encontram quase ao final da narrativa. O trecho mais significativo está na página 262 da edição utilizada para estudo e refere-se ao momento em que a jangada de pedra em que se havia transformado a Península Ibérica para. O trecho aponta para o posicionamento internacional diante da situação, e parece-nos que a menção à “grande nação” norte-americana ecoa o jogo entre os diversos estados nacionais posicionando-se diante da nova situação da antiga Península Ibérica:

De um ponto de vista de política prática, o problema que se discutia nas chancelarias europeias e americanas era o das zonas de influência, isto é, se, apesar da distância, a península, ou ilha, deveria conservar os seus laços naturais com a Europa, ou se, não os cortando completamente, deveria orientar-se, de preferência, para os desígnios e destino da grande nação norte-americana. Ainda que sem esperanças de influir decisivamente na questão, a União Soviética lembrava e tornava a lembrar que nada poderia ser resolvido sem a sua participação nas discussões, e entre tanto reforçou a esquadra que desde o princípio viera acompanhando a errante viagem, à vista, claro está, das esquadras das outras potências, a norte-americana, a britânica, a francesa. (SARAMAGO, 2006, p. 262).

Há uma breve exploração temática dos conflitos entre os governos de Portugal e Espanha também, mas a narrativa tem seu cerne na errância das cinco personagens centrais pelo território da antiga Península convertida em jangada de pedra de modo que o noticiário político fica bastante relegado. Adotando, como dissemos, um modo de vida próximo do arcaico, o grupo de personagens se irmana, constitui parcerias amorosas e caminha pelo território que, também ele se move, seja mar afora, seja, posteriormente, num último movimento de rotação anti-horária (sentido diabólico, segundo a narrativa) antes da parada completa. cremos que, em termos de contexto ibérico, um dos aspectos mais notáveis está no intertexto com grandes narrativas da Península Ibérica. Em que pesem as referências a outros autores e obras: a Bíblia, *Otelo* (Shakespeare), *Frankenstein* (que aparece como adjetivo, obra de Mary Shelley), Charles Dickens, *Vinte mil léguas submarinas* (Júlio Verne), entre outros, são as referências a obras e personagens da literatura ibérica aquelas que são não apenas as mais abundantes, mas também as mais significativas.

Logo na primeira página do texto, página 7 da edição utilizada, Joana Carda está, segundo o narrador, “em um lugar de Portugal de cujo nome nos lembraremos mais tarde”, um intertexto claro com *Don Quixote de la Mancha*, que, lembremos, se passa, “em algum lugar da Mancha de cujo nome não me quero lembrar”<sup>1</sup>. Como neste exemplo, a intertextualidade com a obra e a personalidade literária dos autores Miguel de Cervantes, Luís de Camões, Vasco de Lobeira/Garcí Rodriguez de Montalvo, Rodrigues Miguéis, Antonio Machado, Mário de Sá-Carneiro, Juan Ramón Jimenez, José Saramago é um forte motor da narrativa e um instrumento de trabalho com o contexto ibérico em *A jangada de pedra*.

Gostaríamos de comentar alguns destes aproveitamentos de matéria literária para a composição do romance de Saramago de maneira a encenar na narrativa a história literária da Península Ibérica e promover no “futuro fabuloso” em que as ações se desenrolam um efetivo diálogo com o passado

---

<sup>1</sup> Em tradução livre da autora do artigo.

literário da Península. O intertexto com a obra prima de Cervantes, por exemplo, se dá pelas menções ao próprio Dom Quixote, a Sancho Pança e, por fim, ao cavalo Rocinante. Quando Maria Guavaira e Joaquim Sassa saem para roubar um cavalo, necessário para ajudar a mover a “galera” em que viajam as personagens, o quadro de ambos voltando para o acampamento ao lado do fiel cão é comparado ao passado medieval via literatura e especificamente pela citação ao *Amadis de Gaula*. Citamos:

Quando o dia se fez claro, já distantes do local do roubo, começaram a encontrar pessoas nos campos e nas estradas, mas nenhuma delas conhecia o cavalo, e mesmo que, conhecendo-o, opudessem reconhecer, acaso não reparariam nele, tão admirá vel e inocente era o quadro, por assim dizer medievo, a donzela sentada à amazona na hacaneia, e à frente o andante cavaleiro, pedestremente caminhando, levando o cavalo pela arreata, que felizmente não se tinham esquecido de trazer. O dogue completava a visão encantadora, que a alguns pareceu sonho, a outros sinal de mudança de vida, não sabem uns e outros que vão ali apenas dois malvados ladrões de cavalos, é bem verdade que as aparências enganam, o que geralmente se ignora é que enganam duas vezes, razão por que talvez o melhor ainda será confiar nas primeiras impressões e não levar por diante a investigação. Por isso hoje não vai faltar quem diga, Esta manhã vi Amadis e Oriana, ela a cavalo, ele a pé, ia com eles um cão, Amadis e Oriana não podem ter sido, que nunca nenhum cão foi visto com eles, Vi-o, e basta, uma testemunha vale tanto como cem, Mas na vida, amores e aventuras desses dois não se fala de cão, Então torne-se a escrever a vida, e tantas vezes quantas forem precisas para que lá venha a caber tudo, Tudo, Enfim, o mais possível. (SARAMAGO, 2006, p. 217).

O presente da efabulação dialoga, então, com o passado literário. Porém, o mais notável intertexto que localizamos em *A jangada de pedra* é com a obra *Platero e eu*, do espanhol Juan Ramón Jiménez. Tendo sido publicada, de maneira fracionada, em 1914, *Platero e eu*, ganha a edição considerada a primeira completa, no ano de 1917. A narrativa, conduzida por um eu-narrador que não se revela, mas se constrói em contraponto e diálogo com o burro *Platero* de sua propriedade, que com o narrador, vive o cotidiano de uma pequena localidade na Andaluzia é retomado de maneira intensa em *A jangada de pedra*. Na narrativa saramaguiana, Roque Lozano, um camponês da mesma região de Juan Ramón Jiménez – Roque, personagem de Saramago é de Zufre, província de Huelva, e Jiménez era de Moguer, na mesma província – aparece no início da narrativa (página 60 da edição que utilizamos), em seu burro *Platero*, sendo questionado pelas personagens Joaquim Sassa e José Anaíço sobre o caminho para a aldeia de Orce. Mais adiante na narrativa (página 114), vemos Roque e *Platero* que seguem rumo ao extremo leste da Península Ibérica, para tentarem ver a Europa. Depois, a partir da página 269, de nossa edição que conta com 291 páginas, Roque Lozano e *Platero* reaparecerão e serão incorporados ao grupo de personagens centrais, permanecendo com o grupo até o final da narrativa.

Devido à persistência da incorporação e diálogo com *Platero e eu*, cremos ser produtivo olhar um pouco para a obra original e seu reaproveitamento no romance de Saramago onde, pensamos, a intertextualidade tem o papel de dialogar diretamente com a questão e com a tradição ibéricas.

*Platero e eu* apresenta, segundo o professor Pedro Benítez Pérez, “uma estrutura cíclica, pois seus episódios, relativamente independentes entre si, transcorrem de primavera a primavera, até se encerrar um ano” (JIMENEZ, 2010, p. XV). Dentro da estrutura cíclica, a vida no pequeno povoado da Andaluzia é vista pelo narrador que quase sempre está em companhia de seu burro, *Platero*, com o qual protagoniza parte das historietas em que interagem com a população local e a natureza. *Platero e eu* é obra marcada pelos sentidos, por uma sensualidade muito pronunciada. Olfato, paladar, visão,

audição, tato, são muito bem exploradas pelo autor que foi sobretudo um poeta, na retratação da vida explodindo em sensações na pequena aldeia e seus arredores. Em *A jangada de pedra*, Saramago cria a personagem do camponês Roque Lozano, que difere completamente do narrador de *Platero e eu*, obviamente um jovem homem letrado que junca sua narrativa em primeira pessoa de referências da cultura europeia, como as pinturas de Fra Angelico, a música de Beethoven e os escritos de Oscar Wilde. Roque Lozano é um rude camponês, que, no início de *A jangada de pedra* realiza com Platero a trajetória que será feita pelo grupo de personagens de Saramago. A diferença está que o grupo atravessará unido a antiga Península, a partir da Galícia e chegará ao extremo leste. Roque também se dirigirá ao extremo leste, para ver a Europa (que termina por não ver, pois só vê água, como as demais personagens), a partir de sua aldeia de Zufre. Ao encontrar-se com Pedro Orce quase ao final da narrativa e ser por intermédio deste incorporado ao grupo que tenciona levar o antigo boticário Orce à sua terra natal, Roque parece incorporar simbolicamente à narrativa o arcabouço representado por uma das parcelas mais representativas da literatura espanhola do século XX - lembremos que Juan Ramón Jiménez recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1956.

Em *A jangada de pedra* a componente amorosa-sensual é bastante central na narrativa. As parcerias que se formam entre Joaquim-Joana, José-Maria mostram a idealização do amor homem-mulher presente em boa parte da obra de José Saramago e, neste romance, exacerbam os limites habituais do amor entre casais específicos para contemplar a figura do homem mais velho e perto da morte, Pedro Orce, com momentos de amor sensual vivenciados com as duas personagens femininas que agem aparentemente movidas por um sentimento de compaixão. O anúncio, quase ao final da narrativa (à página 266 da edição utilizada) de que ambas estavam grávidas provoca conflitos internos nos relacionamentos amorosos de ambas, e a questão meramente pessoal é suplantada, pouco depois (à página 280 da mesma edição) pelo anúncio de que todas ou quase todas as mulheres férteis do território se declararam grávidas ao mesmo tempo, apontando tanto para um possível desbordamento erótico que teria atingido não apenas as personagens centrais da narrativa, mas todos os habitantes da antiga Península Ibérica e reforçando a característica do realismo mágico ao qual a narrativa se filia desde a epígrafe. Outro ponto interessante de contato entre Roque Lozano e Pedro Orce, ambas, lembremos, personagens de Saramago, é que têm a uni-los, segundo o narrador, as saudades de uma mesma « pátria », no caso identificada com a região andaluza à qual pertencem e para a qual o grupo se encaminha nas páginas finais da narrativa, que se encerra contudo, sem que as respectivas terras sejam alcançadas.

O futuro fabuloso em *A jangada de pedra* mostra-se um futuro ibérico, de afastamento físico entre Península e Europa com aproximação geográfica das antigas colônias, enquanto que, internamente, os laços ibéricos se fazem pela parceria de natureza amorosa entre portugueses e espanhóis, com a conseqüente geração de crianças filhas de pais de ambas as nacionalidades. É, sobretudo, um futuro que retoma o passado, visto desde a perspectiva de transporte – a troca de um

automóvel Dois Cavalos por uma galera puxada por dois cavalos reais ; de trabalho – a substituição de trabalhos típicos da sociedade europeia contemporânea por atividades mercantis itinerantes ligadas ao passado peninsular e, finalmente um futuro onde se retomam laços com aspectos das obras literárias que marcaram a história da Península Ibérica.

#### *História do cerco de Lisboa*

O romance foi publicado três anos depois de *A jangada de pedra*. Desta feita a epígrafe é, uma vez mais na obra de Saramago, uma brincadeira com a existência de um pretense *Livro dos Conselhos*. Diz a referida epígrafe: : “Enquanto não alcançares a verdade, não poderás corrigi-la. Porém, se a não corrigires, não a alcançarás. Entretanto, não te resignes.”. Enunciado típico do discurso engenhoso, nele o jogo de palavras revela um dos questionamentos centrais do romance: a busca pela verdade e a possibilidade de correção do que foi estabelecido como verdade.

A fábula propõe o entrelaçar de duas temporalidades: um “presente” que pode ser situado na década de 1980 em Lisboa e o passado na mesma cidade, notadamente os meses que antecedem o cerco de 1147, o cerco propriamente dito e a guerra que se decide em favor dos cristãos em detrimento dos assim chamados “mouros”, fazendo o episódio parte da consolidação da nacionalidade portuguesa. O “presente” é o tempo em que vive o revisor Raimundo Silva. Ao efetuar a revisão do livro de um historiador sobre a história do cerco de Lisboa ocorrida no século XII, Silva resolve, por circunstâncias várias, alterar com um “não” o significado de uma das sentenças, acabando com isto por modificar por um curto período de tempo – até o momento em que erro é descoberto - uma verdade histórica: a de que os cruzados no século XII ajudaram os portugueses a expulsar os “mouros” da cidade de Lisboa.

A efabulação como se vê dialoga com a epígrafe : onde estaria a busca pela verdade num texto dedicado à escrita da História como ciência e como e em que medida corrigir o texto. Há vários níveis textuais: aquele em que o revisor efetua seu trabalho e, por vezes dialoga, primeiro com o historiador e mais tarde com sua chefe Maria Sara, outro, representando os devaneios do revisor, que serão posteriormente utilizados por ele para compor uma ficção e ainda um terceiro, o que representa o texto do historiador sobre o episódio do cerco. Há um interessante encontro entre o primeiro e o último desses níveis textuais no que corresponde à página 40 e seguintes da edição utilizada para o presente estudo. Raimundo Silva está a alcançar o final do texto do historiador numa fria noite lisboeta. Já muito aborrecido pois em “quatrocentas e trinta e sete páginas não se encontrou um facto novo, uma interpretação polémica, um documento inédito, sequer uma releitura”(SARAMAGO, 2003, p. 34 e 35), diz o narrador que ali, ao final do livro do historiador, Raimundo Silva poderia “a ardente expressão de um patriotismo fervoroso” (SARAMAGO, 2003, p. 40), e o narrador chama a atenção do leitor para o que escreveu o historiador, discurso este interrompido pelo revisor Raimundo Silva e pelo próprio narrador. Citamos :

No alto do castelo o crescente muçulmano desceu pela derradeira vez e, definitivamente, para sempre, ao lado da cruz que anunciava ao mundo o baptismo santo da nova cidade cristã, elevou-se lento no azul do espaço, beijado da luz, sacudido pelas brisas, a despregar-se ovante no orgulho da vitória, o pendão de D. Afonso Henriques, as quinas de Portugal, merda, e que não se cuide que a má palavra a dirige o revisor ao nacional emblema, é antes o legítimo desabafo de quem, tendo sido ironicamente repreendido por ingénuos erros da imaginação, vai ter de consentir que passe, a salvo outros não seus, quando o que lhe está a apetecer, e com justo direito, é lançar nas margens do papel uma chuva de indignados deleatures, porém já sabemos, não o fará, que com emendas deste calibre ficaria avexado o autor.(SARAMAGO, 2003, p. 41).

O anacronismo duplo: nem quinas, nem crescentes existiam neste período nas mencionadas bandeiras foi percebido de pronto pelo revisor (como em outro ponto das provas do livro do historiador, anacrônicas caravelas singravam o rio Tejo séculos antes de sua invenção). No entanto, a opção tomada neste caso foi a de não corrigir pois a atitude acarretaria a necessidade de reescrever toda a parte final do livro, que, escrita da maneira em que estava (e que continha os erros), mostrava-se bela, empolgante e patriótica.

Percebe-se, então, a clara correspondência com o texto da epígrafe: o que corrigir? Onde está a verdade? Em alguns outros pontos da revisão de Silva, o narrador trata de maneira irônica, mas sem intervenções do fluxo de consciência ou de fala do revisor, a continuidade - no discurso histórico do livro do historiador (que, já sabemos, nada traz de novo em seu bojo) – de repetir histórias que evocam o sobrenatural de caráter religioso para explicar questões históricas. É o caso do milagre de Ourique, questionado ironicamente pelo narrador saramaguiano - que parece aqui reproduzir os devaneios do revisor - à página 155 da edição utilizada, quando o porta voz dos cruzados, Guilherme da Longa Espada, após não chegar a acordo financeiro com o rei, diz:

Gozando o rei de Portugal de tão eficazes e fáceis ajudas de Nosso Senhor Jesus Cristo, por exemplo, no perigoso aperto que foi dito ter sido o da batalha de Ourique, mal haveria de parecer ao mesmo Senhor presumirem os cruzados que ali estavam em trânsito de substituí-lo na nova empresa, pelo que dava como conselho, se recebê-lo queriam, fossem os portuguesessozinhos ao combate, pois já tinham segura a vitória e Deus lhes agradecerá a oportunidade de provar o Seu poder, esta e tanta vezes quantas para isso vier a ser solicitado. (SARAMAGO, 2003, p. 155)

Novamente e desta vez pelo devaneio do revisor Raimundo Silva, podemos tecer um diálogo com a mencionada epígrafe e seu desafio, chegar a verdade e corrigi-la ou corrigir para chegar à verdade. O que exatamente corrigir num texto convencional como o do historiador está no centro dos questionamentos do romance. Num momento, o final da década de 1980, em que boa parte dos países europeus realizava revisões profundas no modo de ver o seu passado histórico, na ficção de Saramago encena-se a necessária revisão de uma série de aspectos da historiografia portuguesa, naquele momento ainda tão plena de símbolos e mitos religiosos, que parecia que somente pela ficção se poderia chegar a algum tipo de verdade: uma verdade ficcional que o revisor busca pela reabilitação de figuras secundárias na crônica histórica, Ouroana e Mogueime, por cujo prisma prefere olhar para o conflito.

Curiosamente, o “presente” da efabulação de *História do cerco de Lisboa* está praticamente todo ocupado pela narrativa das tentativas de Raimundo Silva de escrever ficção e pela história de amor entre



ele e Maria Sara. Quase toda a ação ocorre neste passado, que, muito intenso, invade a todo o tempo o “presente” da efabulação, seja pelos devaneios de Raimundo, que mistura os tempos numa das poucas saídas que realiza, aquela onde se alimenta na Leitaria *A graciosa*, e ao mesmo tempo devaneia sobre as possíveis relações que ali se estabeleceriam no momento do cerco em 1147. Citamos:

A cidade está que é um coro de lamentações, com toda essa gente que vem entrando fugida, enxotada pelas tropas de Ibn Arrinque, o Galego, que Alá o fulmine e condene ao inferno profundo, e vêm em lastimoso estado os infelizes, escorrendo sangue de feridas, chorando e gritando, não poucos trazendo cotos em lugar de mãos ou cruelmente desorelhados, ou sem nariz, é o aviso que manda adiante o rei português, E parece, diz o dono da leitaria, que vêm cruzados por mar, malditos sejam eles, corre que serão uns duzentos navios, as coisas desta vez estão feias não há dúvida. Ai, coitadinhos, diz uma mulher gorda, limpando uma lágrima, que mesmo agora venho da Porta de Ferro, é um estendal de misérias e desgraças, não sabem os médicos a que lado acudir [...]” (SARAMAGO, 2003, p. 54 e 55)

O passado é ao mesmo tempo visto pela perspectiva do presente, que é invadido por ele: pela língua portuguesa com suas expressões particulares (“Ai, coitadinhos”, “Malditos sejam”), pelos frequentadores da leitaria portuguesa do presente (a mulher gorda, o homem que bebe o copo de leite encostado ao balcão), num contexto da Lisboa do presente num comércio popular. Notemos também que a sobreposição geográfica – Silva vive num edifício que fica sobre a antiga Porta da Alfafa, só não se sabe, no momento “presente” se do lado de dentro, se do lado de fora do cerco – ajuda na sobreposição temporal entre passado do século XII e presente do século XX. O foco central de *História do cerco de Lisboa* é o questionamento do passado a partir do presente (década de 1980, como dissemos). Como lidar neste presente, com o « peso histórico », com o passado que na contemporaneidade continua a ser lido por alguns historiadores (como aquele, sem nome, que escreveu mais uma história do cerco de 1147) de maneira convencional. O anticonvencionalismo vem na obra deste específico historiador de uma maneira equivocada: ao tentar dotar sua narrativa de cores e emocionar o leitor comete grossas falhas como aquelas apontadas acima, ao mesmo tempo em que sua investigação da História é vista de maneira crítica por Raimundo Silva, um homem de cultura média : não há qualquer novidade no livro do historiador, só mais um tomo para ocupar lugar nas prateleiras de livrarias, bibliotecas e casas.

O romance saramaguiano coloca o leitor diante de várias questões : como revisitar a História neste final um tanto anódino ? Anódino talvez porque visto pelos olhos do pacato revisor ou se considerarmos mais amplamente anódino em termos da lenta retomada de ritmo do país que fora sacudido pelo 25 de abril de 1974 e que na década de 1980 entra para a Comunidade Econômica Europeia ? É a ficção o terreno propício ao questionamento do discurso oficial que insiste em milagres (como o milagre de Ourique) e no pendor das instâncias celestiais em prol de Portugal ?

O passado atravessa o presente de maneira intensa e, mesmo diríamos, avassaladora. Como afirmamos, resta pouco tempo e pouco espaço ao presente, tempo este em que a narrativa se debruça sobre a questão amorosa do « cerco » de Maria Sara a Raimundo Silva (será o contrário?) e a reestruturação da vida convencional do revisor após transgredir a ordem estabelecida e colocar o « não » no texto do historiador, criando, por poucos dias, uma inverdade num livro de História. A relação amorosa entre Maria Sara e Raimundo Silva surge devido à transgressão e é permeada pela escrita de uma história do cerco ficcional por Raimundo, sendo que o jogo amoroso depende da continuidade de revisitação do passado que ambos empreendem, mas que Raimundo protagoniza pela escrita.

A dimensão ibérica encontrada em *A jangada de pedra* e em outros romances saramaguianos, como *O ano da morte de Ricardo Reis*, não aparece em *História do cerco de Lisboa*. É uma narrativa centrada mais do que em Portugal, em Lisboa propriamente dita, lugar do cerco do passado, de consolidação da nacionalidade pela expulsão do « outro », « infiel », « mouro », numa visitação/revisitação dos alicerces da nacionalidade e na forte imbricação entre religiosidade e poder político que marcou o país por séculos. O passado tão presente em *História do cerco de Lisboa* parece sinalizar para o momento, na obra de Saramago, em que o diálogo com o passado de seu país é mais intenso e por isso mais focalizado : um episódio da História, uma cidade, duas temporalidades.

#### **Referências bibliográficas:**

JIMENÉZ, J.R. *Platero e eu*. Tradução Monica Stahel. Apresentação à edição brasileira de Pedro Benitez Pérez. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

SARAMAGO, J. *A jangada de pedra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. *História do cerco de Lisboa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.